

PALUDO, L. J.; FRAGA, G. W. *A produção do inimigo ou destruição da alteridade: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro*.

Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".



Artigo

A produção do inimigo ou destruição da alteridade: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro

**The production of the enemy or the destruction of alterity:
an analysis of Jair Bolsonaro's speeches**

**La producción del enemigo o destrucción de la alteridad:
un análisis de los discursos de Jair Bolsonaro**

Larissa Júlia Paludo¹, Gerson Wasen Fraga²

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Erechim-RS, Brasil

Resumo

Este artigo, elaborado a partir de uma pesquisa de Mestrado que analisa os discursos de Jair Bolsonaro sob o prisma da produção da alteridade ou da diferença, sintetiza os resultados da dissertação e busca apresentar as características e as possíveis consequências do discurso e, por conseguinte, do movimento bolsonarista, no âmbito da produção do inimigo e do ataque aos direitos humanos. A partir da corrente pecheutiana de estudos da linguagem, orientação metodológica do trabalho, são apresentadas e discutidas algumas formações discursivas que estão presentes nos enunciados de Jair Bolsonaro. Tais formações são construídas, no âmbito da pesquisa, a partir da convergência interdisciplinar de estudos culturais, noções identitárias e elementos historiográficos da instituição militar e da Doutrina de Segurança Nacional. A síntese da análise do discurso de Jair Bolsonaro, neste artigo, é feita a partir do texto proferido na abertura da 74ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, ocorrido em Nova Iorque, em 24 de setembro de 2019.

Abstract

This article, based on a Master's research that analyzes the speeches of Jair Bolsonaro from the perspective of the production of alterity or difference, synthesizes the results of the dissertation and seeks to present the characteristics and possible consequences of the discourse and, therefore, the bolsonarista movement, in the scope of the production of the enemy and the attack on human rights. From the Pecheutian current of language studies, methodological orientation of the work, some discursive formations that are present in the statements of Jair Bolsonaro are presented and discussed. Such formations are built, within the scope of the research, from the interdisciplinary convergence of cultural studies, notions of identity and historiographic elements of the military institution and the National Security Doctrine.

¹ Mestra em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. ORCID iD: 0000-0002-3786-2013 E-mail: lariissapaludo@gmail.com

² Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Doutor em História. ORCID iD: 0000-0003-3273-1687 E-mail: gwfraga@terra.com.br

PALUDO, L. J.; FRAGA, G. W. *A produção do inimigo ou destruição da alteridade: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro*.

Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

The synthesis of the analysis of Jair Bolsonaro's speech in this article is based on the text given at the opening of the 74th United Nations General Assembly, in New York, on September 24, 2019.

Resumen

Este artículo, extraído de una investigación de maestría, que analiza los discursos de Jair Bolsonaro bajo el prisma de la producción de la alteridad o la diferencia, resume los resultados de la tesis y busca presentar las características y las posibles consecuencias del discurso y, por lo tanto, del movimiento bolsonarista en el contexto de la producción del enemigo y del ataque a los derechos humanos. Desde la corriente peuchetiana de estudios del lenguaje, orientación metodológica del artículo, se presentan y discuten algunas formaciones discursivas que están presentes en los enunciados de Jair Bolsonaro. Estas formaciones se construyen, en el ámbito de la investigación, desde la convergencia interdisciplinaria de estudios culturales, nociones de identidad y elementos historiográficos de la institución militar y de la Doctrina de Seguridad Nacional. La síntesis del análisis del discurso de Jair Bolsonaro, en este artículo, se hace a partir del texto dado en la apertura de la 74ª Asamblea General de la Organización de las Naciones Unidas, que ocurrió en Nueva York el 24 de septiembre de 2019.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro, Alteridade, Doutrina de Segurança Nacional, Identidade.

Keywords: Jair Bolsonaro, Alterity, National Security Doctrine, Identity.

Palabras claves: Jair Bolsonaro, Alteridad, Doctrina de Seguridad Nacional, Identidad.

Introdução

Não é incomum nos depararmos com discursos e intervenções do presidente Jair Messias Bolsonaro falando em “viés ideológico” ou no grande inimigo da Nação: o comunismo. Essa figura, enquanto imagem de retórica, está associada as mais diversas correntes de pensamento e grupos políticos de esquerda e até mesmo centro, desde que divirjam do capitão. À classe acadêmica e aos setores minimamente informados, o discurso pode soar de anacrônico a falacioso. Acontece que este mesmo discurso que parece irreal para muitos faz sentido a tantos outros grupos sociais e movimentos políticos e identitários no Brasil.

Há algumas evidências que comprovam esta adesão ao discurso presidencial. Uma delas é a existência de apoiadores, youtubers e “ativistas” com forte discurso conspiracionista e/ou negacionista que estão em constante movimento na esfera pública digital, criando e disparando conteúdos que reiteram a existência de um “perigo vermelho”. Há comunidades em redes sociais, como Facebook e WhatsApp, de sujeitos que compactuam com tais ideias e medos. Ainda, há a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições gerais de 2018.

Não se quer com isso dizer que a eleição do militar se deve somente ao fato de ele criar e alimentar este cenário de caos e destruição causado por um inimigo comunista que estaria à espreita para atacar. O que se busca pontuar, com os fatos apresentados até aqui, é que essa retórica utilizada por

Bolsonaro, de criar um espectro de referenciação para si a partir da negação do outro (o "comunista"), esteve muito presente durante a campanha política de 2018 e continua a constar em seus discursos como presidente. Essa característica sempre presente em seus discursos, somado aos agentes ou "porta-vozes" pró-Bolsonaro e os grupos de redes sociais, indicam a importância de a ciência voltar suas atenções também para este aspecto em específico e para o protagonismo que ele tem nas formas de racionalidade dos simpatizantes do capitão.

Ainda, cabe ressaltar que essa configuração, de visualizar uma representação comunista como inimigo máximo da Nação é um dos motores propulsores da disseminação da Doutrina da Segurança Nacional (DSN) – ideologia cujos elementos influenciaram o golpe civil-militar de 1964.

Este artigo, elaborado a partir de uma pesquisa de Mestrado que analisa os discursos de Bolsonaro sob o prisma da produção da alteridade ou da diferença, sintetiza os resultados e busca apresentar as características e as possíveis consequências do discurso de Bolsonaro e, por conseguinte, do movimento bolsonarista, no âmbito da produção do inimigo e do ataque aos direitos humanos. Para isso, faremos uma contextualização da utilização da retórica anticomunista em um de seus momentos de ascensão no Brasil – o período pré-ditadura militar – com as características propulsoras da DSN e como estas estão relacionadas ao discurso de Bolsonaro. Para compreender a engrenagem destes elementos como produtores de sentidos e representação, no âmbito da diferenciação entre o nós e o eles, serão abordados aspectos dos estudos da identidade cultural. Por fim, faremos uma análise do discurso de Jair Bolsonaro proferido na abertura da 74ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, ocorrido em Nova York, em 24 de setembro de 2019, como estudo de caso para a análise de tais elementos.

2. Identidade e diferença

Introduzir as discussões sobre a temática das identidades no âmbito dos Estudos Culturais, sob o prisma da diferença, requer mencionar as disputas ou as relações binárias que opõem o "nós", de um lado, e o "eles", do outro. Stuart Hall (2016) denomina esses movimentos de "fascínio pela alteridade" ou "espetáculo do outro". Estes termos, fascínio e espetáculo, comumente utilizados para se referir ao belo, ao que "enche os olhos", não são manejados aqui no sentido puramente "positivo" da expressão. Essas relações de identificação – isto é, formação de grupo/comunidade, que pode ser no âmbito da Nação, ou de outras composições identitárias políticas –, em contraposição à diferença desse grupo, são produzidas nas lógicas de poder. Isto é, há uma tendência de sobreposição, de hierarquização e de definição de locais e papéis sociais.

Este aspecto demonstra o caráter dicotômico da produção da alteridade. Ao mesmo tempo em que a elaboração da diferença orienta a construção de significados, a composição cultural perpassa as questões de subjetivação do sujeito em relação a si, sua sexualidade, gênero, entre outras. A identidade é um campo delicado e hostil, de definição de normas, estereotipagem, exclusão e sofrimento (HALL, 2016).

O estudo das identidades, que passou a ganhar ênfase na agenda de pesquisadores das humanidades sobretudo a partir da década de 60 do século XX, acompanhado de outras temáticas abordadas, em especial pelos pós-estruturalistas³, trouxe uma nova perspectiva que se contrapõe a ideia essencialista das identidades. Antes disso, a identidade esteve muito mais relacionada ao caráter das Nações e à estrutura patriarcal do capitalismo. Bauman (2005) acredita que o nacionalismo, ou a “comunidade imaginada” de Benedict Anderson, figurou como o único “case de sucesso” das identidades até a metade do século XX. Atualmente, os estudos trabalham com a ideia de identidades coletivas, que podem incorporar-se umas às outras, como prevê Hall (2019), em uma espécie de hibridismo cultural. Além disso, uma troca de verbo do “ser” pelo “estar” diz muito sobre o caráter efêmero, ou fluído, pelo qual as identidades vêm sendo compreendidas. Ou seja, elas estão em constante movimento.

Essa perspectiva se contrapõe a ideia de que a identidade figura como uma composição social que acompanha o indivíduo de forma imóvel durante toda a vida. A compreensão da identidade como algo “sólido” orienta o entendimento essencialista, cujas demais características remetem a um passado mítico e a continuidade destes “valores” no futuro. No essencialismo também se trabalham com verdades históricas e biológicas rígidas (WOODWART, 2014).

A crença na existência de diferentes “raças” ilustra tal concepção. Sobretudo a partir da ótica fascista clássica que pregava a divisão da humanidade em “raças”, buscando pelo “sangue puro” através da sobreposição de determinados grupos, considerados melhores, em relação aos outros, ditos inferiores. É sob essa ótica que as identidades e a produção da diferença precisam ser analisadas. Tomaz Tadeu Silva lembra que: “elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2014, p. 81).

3. Diferenças no interior da Nação

Avancemos no sentido de pensar as identidades e a produção da diferença dentro do contexto de uma determinada Nação. A lógica do outro ou do estrangeiro entre nações dá espaço aos novos horizontes e perspectivas políticas e de identificação social onde passam a configurar os conflitos e disputas. Neste contexto, surgem também novos projetos, como, por exemplo, os focos de nacionalismo mesclados com fundamentalismos religiosos no início do século XXI. Trata-se de uma agregação que não produz apaziguamento dos

³ Neste caso, cunha-se o termo pós-estruturalismo para caracterizar um movimento intelectual, não necessariamente vinculado a uma escola de pensamento, que assim ficou conhecido por levar o estruturalismo às últimas consequências. Em outras palavras, o pós-estruturalismo exauriu os métodos e principais conceitos do estruturalismo, este por sua vez definido como um conjunto de análise estrutural que surgiu no âmbito da linguística durante o século XX. Os estudos culturais, abordados no âmbito deste texto, bem como estudos de gênero e teoria *queer*, estão inseridos dentro desta definição de pós-estruturalistas.

conflitos pela definição das fronteiras, mas pode, por outro lado, representar o reforço delas.

Ainda que as configurações identitárias sofram alterações em relação às pautas e objetos de disputa, – qual seja, normalização ou reforçamento do padrão *versus* a criação de espaços para a diversidade –, a dinâmica da produção de identidade permanece a mesma. Ou seja, produz-se diferença ao passo que se consegue estabelecer um sistema classificatório que distingue o que é “nós” e o que é “eles”. “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2014, p. 13).

Sobre o carácter das negociações no interior da nação, cabe pontuar que ainda que o Estado se esforce para mobilizar um ideal nacional (a nacionalidade), essa identidade não se restringe aos laços de solidariedade. Ela cria, no âmbito institucional, ferramentas de controle e da manutenção do *status quo*. Ela produz literatura, música, filme. Ela está na imprensa, como aponta Anderson (2008). É por esses caminhos que a nacionalidade adquire um corpo, um ideal. Produz tradição. Esses mecanismos políticos do Estado e a produção de identidades coletivas (nacionais) funcionam, além da dependência mútua que estabelecem entre si, porque conseguem produzir sentido – representar – e com isso garantir estabilidade e fixação (SILVA, 2014).

Ao utilizar o conceito de representação, os teóricos dos Estudos Culturais se afastam do conceito elaborado pela filosofia clássica – cujo objetivo era tentar apreender, capturar o real de forma mais fidedigna possível. A representação, para estes teóricos, funciona como a linguagem/discurso, ou seja, a tendência é buscar “fixá-la” ou “estabilizá-la”, mas é algo que acaba “deslizando”, “escapando”. Mais do que funcionar em engrenagens semelhantes, as identidades nacionais e seus discursos funcionam em complementação. Neste sentido, os teóricos afirmam que a “identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído” e, por isso, questionar tanto a identidade quanto a diferença significa “questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (SILVA, 2014 p. 89-91).

Esse conjunto de signos funciona no campo do simbólico. Porém, é preciso fazer as distinções entre esse espectro e o funcionamento das identidades e diferenças no campo do social.

O *social* e o *simbólico* referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentidos a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais. (WOODWARD, 2014, p. 14).

As relações de poder inerentes do jogo das representações identitárias, da produção da diferença e dos nacionalismos vão muito mais a fundo do que um simples incluir/excluir determinado grupo. Elas têm capacidade de estratificar, dividir, colocar à margem e espalhar ódio. Além disso, a produção das identidades, que funciona também pela criação e manutenção de estereótipos, está intimamente ligada com a produção de um inimigo em comum.

Até aqui, discutiu-se os mecanismos de sentido que versam sobre nacionalismo e identidade. Uma contextualização, em tom introdutório, sobre os paradigmas que envolvem o tema e como, na literatura mais recente a questão é visualizada. O debate teórico sobre as formas como opera o nacionalismo e como funcionam as tradições perpassam, invariavelmente, o discurso. Para traçar um estudo sobre as operações da alteridade no aspecto da produção da diferença ou ainda de quem é esse outro, é necessário ponderar sobre essas negociações e disputas no campo do simbólico.

4. A Doutrina de Segurança Nacional e o anticomunismo

No âmbito desta análise a relação entre nós/eles acontece a partir de uma série de formações discursivas⁴. Em sendo o “comunista” o outro das falas de Bolsonaro, as aproximações serão feitas a partir de doutrinas anticomunistas. Na base do “perigo vermelho” estão três principais matrizes de influência no Brasil do século XX (MOTTA, 2000)⁵. Entre elas, há a instituição militar que criou uma dicotomia, por vezes intransponível, entre ser nacionalista e ser comunista. Representação que foi reforçada ao longo dos anos, sobretudo após o levante comunista de 1935, que ficou pejorativamente conhecido por “Intentona Comunista” e cuja data se transformou em tradição (de repúdio à esquerda) no corpo das Forças Armadas (CASTRO, 1990).

As relações e doutrinas popularizadas no meio militar, sobretudo na década de 1960, e o conjunto de representações da formação e identidade do militar estão no centro das formações discursivas para análise dos discursos de Jair Messias Bolsonaro. Conforme apontou Castro (1990), em pesquisa realizada na década de 1970, desde os primeiros anos de curso na Academia Militar das Agulhas Negras, há uma intensa “pressão” para que os cadetes não somente sigam a hierarquia e disciplina da instituição como adotem para si o “espírito militar”. Tal espírito consiste em um conjunto de atributos morais que

4 Formação discursiva aqui integra as noções de análise e metodologia pecheutiana. O método prevê três “camadas” para que o sentido do enunciado possa ser interpretado. Ou melhor, para que o enunciado seja interpretado dentro de determinado contexto sócio-histórico. De modo que o enunciado (o dito, escrito pelo sujeito) integre uma formação discursiva, que por sua vez está inserida em uma formação ideológica.

5 A historiografia descreve dois momentos de intenso anticomunismo no Brasil do século XX. O primeiro deles a partir de 1935 e outro na década de 1960, no contexto da Guerra Fria. Em ambos os períodos, as representações negativas dos comunistas foram impulsionadas por três vertentes: o militarismo, a igreja católica, e a ala liberal (mercado). Ver mais em: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

distingue militares e civis. Por seguir rotinas e regras rígidas, respeitar hierarquia e acreditar no prestígio da farda, os militares se autodefinem como mais honestos, íntegros, e, em especial, como defensores da Nação.

Neste aspecto, há um ponto a ser observado na relação entre os oficiais e a política. Isso porque, pela perspectiva de identidade militar ou do ideal profissional, imposto pelas Forças Armadas, em especial aos subalternos, havia uma profunda cisão entre esses dois campos. Ou seja, militares não devem adentrar na política. Em tese, se afastar da política não é só uma qualidade moral dos militares, mas demonstraria o profissionalismo e a distância em relação a atitudes corruptas, que desrespeitam a hierarquia e a disciplina, que, neste caso, seria por eles associadas aos civis. Apesar desse movimento de afastamento, essa relação é ambígua exatamente porque, em sendo um dos principais símbolos de nacionalidade, as Forças Armadas representam a soberania do Estado e estiveram, ao longo do século XX muito próximas da política.

Em paralelo com as discursividades que emergem deste contexto, a Doutrina da Segurança Nacional figura como importante matriz ideológica no bojo da corporação. Ainda que esteja longe de ser uma unanimidade, a DSN figura como uma teoria bem difundida entre grupos de pesquisadores que estudam as doutrinas e influências que levaram ao golpe civil-militar de 1964. De um lado porque, por mais que ela possa ser considerada protagonista dos elementos anticomunistas que estiveram relacionados à “contrarrevolução”, como os militares chamam o golpe de 64, no seio da corporação havia cisões ou facções ideológicas. Chirio (2012), por exemplo, fala em uma ala nacionalista, ligada ao getulismo, e uma ala da direita liberal anticomunista, ligada a União Democrática Nacional (UDN). O segundo ponto de divergência vem justamente do conjunto de características e da influência da doutrina. A DSN é relacionada aos norte-americanos e ao seu modelo de estratégia e combate ao comunismo no âmbito da Guerra Fria. Essa teoria da Segurança Nacional é abordada por Alves (1984) e Valdés (1980). Chirio contrapõe tal perspectiva ao considerar que a principal influência dos militares brasileiros foi importada da França. Segundo ela, o conjunto de elementos anticomunistas absorvidos pelos brasileiros é oriundo da teoria da Guerra Revolucionária. Apesar de tais divergências, parece mais prudente olhar para as influências de ambas perspectivas, ou seja, levar em conta que os militares brasileiros tanto importaram ideias e técnicas francesas quanto estadunidenses⁶.

Ainda no espectro das divergências da Doutrina da Segurança Nacional, conceito central neste artigo, a definição sofre algumas dissonâncias entre os autores que nos referenciam. Um deles é Jorge Tapia Valdés (1980), o qual

6 O modelo francês de escola militar foi importando em especial no início do século XX, quando houve reformas e a profissionalização das instituições militares brasileiras. Ver mais em: CASTRO, Celso. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002. Porém, a influência francesa, a qual defende Chirio, dividiu espaço com os norte-americanos, cuja interferência vem desde os planos de educação anticomunista para militares (VALDÉS, 1980) até o contato da agência de inteligência norte-americana com a política brasileira e com os militares.

descreve o conceito como uma nova configuração da geopolítica, que deixa de utilizar a geografia para fins políticos e de relações internacionais e se detém no controle social da população. Ou seja, ao invés de funcionar no âmbito das lutas entre diferentes nações, o seu papel é voltado à luta por hegemonia entre diferentes grupos no mesmo Estado-Nação. Neste sentido, o mecanismo de atuação da DSN tem um propósito, em suma, que é impedir que as esquerdas políticas tomem ou se mantenham no poder. A maneira de atuação para conter esses movimentos consiste na “exarcebación del conflicto social y la quiebra terrorista del orden y paz sociales, por medio de grupos paramilitares de ultraderecha, que actúan directamente o infiltrándose en las fracciones más radicalizadas de la izquierda (VALDÉS, 1980, p. 27-28).

Em uma linha um pouco diferente, a teórica Maria Helena Moreira Alves (1984) trabalha com a ideia de ideologia da segurança nacional inserida no que chama de Doutrina da Segurança Nacional e Desenvolvimento. Ou seja, uma abordagem não apenas pelo viés da segurança e dos princípios de guerra, mas como uma estrutura de pensamento que prevê também uma atuação na conjuntura econômica.

A ideologia da segurança nacional contida na Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento foi um instrumento importante para a perpetuação das estruturas de Estado destinadas a facilitar o desenvolvimento capitalista associado-dependente. [...] Em sua variante brasileira, a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento constitui um corpo orgânico de pensamento que inclui uma teoria de guerra, uma teoria de revolução e subversão interna, uma teoria do papel do Brasil na política mundial e de seu potencial geopolítico como potência mundial, e um modelo específico de desenvolvimento econômico associado-dependente que combina elementos da economia keynesiana ao capitalismo de Estado. (ALVES, 1984, p. 26)

A Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento (DSND) é usada para impor a dominação ou controle do Estado, já que esta estrutura de pensamento – antidemocrática – não prevê apoio popular para constituir um governo legítimo. Para a autora, a DSND destoa da ideologia fascista porque não prevê uma teoria de supremacia racial e/ou uma aspiração imperial. Porém, tal doutrina “efetivamente prevê que o Estado conquistará certo grau de legitimidade graças a um constante desenvolvimento capitalista e o seu desempenho como defensor da nação contra a ameaça dos ‘inimigos internos’ e da ‘guerra psicológica’” (ALVES, 1984, p. 26).

Esses elementos da guerra total contra o comunismo e o objetivo de destruição deste inimigo são associados às diversas ditaduras e governos autoritários que surgiram nos países latino-americanos a partir da segunda metade do século XX. É por meio desta doutrina que pesquisadores buscam explicações para a violência dos regimes, que incluiu torturas, desaparecimentos e assassinatos. Aqui, interessa aprofundarmo-nos nos

PALUDO, L. J.; FRAGA, G. W. *A produção do inimigo ou destruição da alteridade: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro*.

Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

elementos da DSN para compreender as aproximações e distanciamentos desta ideologia com o discurso de Jair Bolsonaro.

5. O inimigo interno

A partir do entendimento de que a doutrina se fundamenta na geopolítica, a DSN, ao inverter a lógica que antes era pensada em termos de política externa, começa a traçar objetivos e estratégias para manutenção da ordem e da defesa interna (VALDÉS, 1980). Neste aspecto, a DSN tem por base objetivos nacionais, ou seja, elementos que pretensamente consistem em interesses ou aspirações da Nação e que, nesta condição, orientam todas as ações do governo. Mais do que isso, tais objetivos são fundamentais no sentido de que, ao orientar as políticas, eles estabelecem demarcações entre quem é o "povo" e quem é inimigo.

Uma vez definidos o que sejam os "objetivos nacionais", a doutrina não abre brecha para o contraditório. Tudo o que se oponha às ações políticas e aos objetivos governamentais é um ato de agressão ao regime e é, sobretudo, ação de um inimigo. Quem se movimenta ao encontro de tais ideias não é considerado como "povo" ou cidadão daquele país. "‘Pueblo’ es solo aquella parte de la población que tiene una noción correcta de la problemática de determinar los Objetivos Nacionales y de dirigir la comunidad nacional" (VALDÉS, 1980, p. 119). Neste contexto, a legitimidade política não se basta com o governo eleito pelo voto, mas pela necessidade de demonstrar autoridade. E para exercer autoridade, utiliza-se da polícia e da censura política. Na medida em que se estabelece o aparato repressivo, o objetivo é fazer com que a oposição deixe de existir. As forças internas opostas devem ser eliminadas.

A utilização de mecanismos de controle total e de violência para conter a ameaça comunista só poderia ser justificada em um contexto de guerra permanente. Ou seja, a Guerra Fria, o mundo polarizado, e a conseqüente luta do Ocidente contra a subversão justificavam a violência e a repressão. Mais do que justificar o aparelhamento criado para conter a subversão, ou seja, para reprimir o dissenso, a representação do inimigo era de uma figura sub-humana ou até mesmo demoníaca (CALVEIRO, 2013). Essa visão do outro ajuda a explicar como tantos excessos foram cometidos por homens comuns, que simplesmente acatavam ordens "de cima"⁷.

Além de explicar e legitimar, essa visão de embate se estrutura na ideia de um inimigo em comum que precisa ser eliminado e para isso demanda um esforço conjunto da sociedade. São estes os condicionantes fundamentais para que os militares possam instaurar uma política repressiva e autoritária. O inimigo se torna primordial para a existência e permanência da DSN como

⁷ Pilar Calveiro é uma cientista política argentina que foi presa pela ditadura daquele país e faz uma análise fria e minuciosa sobre o regime autoritário na Argentina. Ver mais em: CALVEIRO, Pilar. **Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina**. São Paulo: Boitempo, 2013.

ideologia do governo. É preciso que haja alguém para combater a fim de justificar a lógica da doutrina. A DSN tem por objetivo promover a unidade ou a homogeneidade nacional a partir da destruição absoluta do diferente.

A demarcação do inimigo e sua conseqüente eliminação é uma estratégia para chegar neste objetivo. O paradoxo da doutrina reside justamente no fato de que o inimigo interno sustenta a retórica de segurança nacional. Quando ele deixa de existir, deixa de fazer sentido seu projeto. Essa construção do outro figura como objeto central dos estudos identitários que movem tais engrenagens sociais.

6. "O Brasil ressurgiu depois de estar à beira do socialismo"

O discurso aqui analisado é o feito por Jair Bolsonaro em 24 de setembro de 2019, já há mais de meio ano no cargo de Presidente da República, na abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque. Neste pronunciamento, Bolsonaro traz diversos elementos da Doutrina de Segurança Nacional. A estratégia da doutrina, de estabelecer um cenário de crises, corrupção e, principalmente, de severas ameaças em termos de estrutura econômica e política, é reforçada pelo presidente. Ao descrever a realidade brasileira como sendo de fragilidade e ameaça comunista/socialista, Jair Bolsonaro ataca os adversários políticos e os coloca em uma forte posição de inimigos da Nação. Diversas figuras públicas latino-americanas conhecidas por posicionamentos progressistas, socialistas, comunistas, ou simplesmente mais à esquerda do espectro político, são atacadas por Bolsonaro, que abre a fala apresentando um Brasil que "ressurgiu depois de estar à beira do socialismo" (BOLSONARO, 2019).

Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições. Em 2013, um acordo entre o governo petista e a ditadura cubana trouxe ao Brasil 10 mil médicos sem nenhuma comprovação profissional. Foram impedidos de trazer cônjuges e filhos, tiveram 75% de seus salários confiscados pelo regime e foram impedidos de usufruir de direitos fundamentais, como o de ir e vir. [...]

Antes mesmo de eu assumir o governo, quase 90% deles deixaram o Brasil, por ação unilateral do regime cubano. Os que decidiram ficar, se submeterão à qualificação médica para exercer sua profissão. Deste modo, nosso país deixou de contribuir com a ditadura cubana, não mais enviando para Havana 300 milhões de dólares todos os anos.

A história nos mostra que, já nos anos 60, agentes cubanos foram enviados a diversos países para colaborar com a implementação de ditaduras. Há poucas décadas tentaram mudar o regime brasileiro e de outros países da América Latina. Foram derrotados! Civis e militares brasileiros foram

mortos e outros tantos tiveram suas reputações destruídas, mas vencemos aquela guerra e resguardamos nossa liberdade.

Na Venezuela, esses agentes do regime cubano, levados por Hugo Chávez, também chegaram e hoje são aproximadamente 60 mil, que controlam e interferem em todas as áreas da sociedade local, principalmente na Inteligência e na Defesa. [...]

A Venezuela, outrora um país pujante e democrático, hoje experimenta a crueldade do socialismo. [...]

O Brasil também sente os impactos da ditadura venezuelana. Dos mais de 4 milhões que fugiram do país, uma parte migrou para o Brasil, fugindo da fome e da violência. Temos feito a nossa parte para ajudá-los, através da Operação Acolhida, realizada pelo Exército Brasileiro e elogiada mundialmente. [...]

O Foro de São Paulo, organização criminosa criada em 1990 por Fidel Castro, Lula e Hugo Chávez para difundir e implementar o socialismo na América Latina, ainda continua vivo e tem que ser combatido (BOLSONARO, 2019)

É preciso nomear e determinar o inimigo da Nação, que é uma das condições de existência do projeto político, para justificar o mecanismo de atuação da DSN. Após atacar políticos latino-americanos e relacioná-los com figuras da esquerda Brasileira, Bolsonaro volta a acusar os governos anteriores, petistas, de serem corruptos e de tentarem “transformar” o país em socialista. Ainda, se utiliza de uma estratégia retórica que acaba por criar representações identitárias da esquerda, ao dizer que “Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições” (BOLSONARO, 2019). Ou seja, o fato do país, supostamente, estar à beira do socialismo/comunismo, automaticamente leva ao cenário de recessão econômica, alta criminalidade, entre demais elementos citados.

Mais adiante, quando se refere ao regime político cubano como uma ditadura, ressalta em seu discurso uma das principais características da Doutrina da Segurança Nacional: a noção de guerra. “Há poucas décadas tentaram mudar o regime brasileiro e de outros países da América Latina. Foram derrotados! Civis e militares brasileiros foram mortos e outros tantos tiveram suas reputações destruídas, mas vencemos aquela guerra e resguardamos nossa liberdade” (BOLSONARO, 2019). Aqui, Bolsonaro se refere à ditadura militar em um tom negacionista, ao falar em derrota, como se estivesse prestes a estourar uma guerra civil no país, o que foi extensamente negado pela historiografia brasileira. Tal ideia de “derrotados” aparece em outro discurso de Bolsonaro, que não faz parte do corpus de análise, mas é mencionado nesta pesquisa em tom de contextualização do político. Ainda deputado, na sessão em que o Congresso Nacional votou o prosseguimento do processo de *impeachment* contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, em 17 de abril de 2016, o político disse: “perderam em 64. Perderam agora em 2016.”

PALUDO, L. J.; FRAGA, G. W. *A produção do inimigo ou destruição da alteridade: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro*.

Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

(BOLSONARO, 2019), uma referência direta a noção de guerra, de vencedores e vencidos.

Após falar sobre as relações envolvendo a floresta Amazônica, a agricultura, meio ambiente e os direitos indígenas, o presidente volta o direcionamento do discurso para o inimigo.

Há pouco, presidentes socialistas que me antecederam desviaram centenas de bilhões de dólares comprando parte da mídia e do parlamento, tudo por um projeto de poder absoluto. Foram julgados e punidos graças ao patriotismo, perseverança e coragem de um juiz que é símbolo no meu país, o Dr. Sérgio Moro, nosso atual Ministro da Justiça e Segurança Pública. (BOLSONARO, 2019).

É justamente porque não há projeto político nacionalista da Doutrina de Segurança Nacional sem inimigo a combater que existe uma reiterada menção à esquerda, aos comunistas e aos subversivos da ordem. Não há como justificar um projeto calcado na ideologia da Segurança Nacional sem alguém para confrontar, para atacar. É preciso que exista o outro e que esse outro seja o inimigo e não o adversário político.

Na sequência do discurso na ONU, Bolsonaro ainda fala sobre índices de criminalidade, de policiais assassinados, e afirma que existe perseguição religiosa no Brasil. Aborda aspectos de relações internacionais e finaliza, retornando ao tema da ideologia e da devastação do país.

Durante as últimas décadas, nos deixamos seduzir, sem perceber, por sistemas ideológicos de pensamento que não buscavam a verdade, mas o poder absoluto. A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas. A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família. Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo sua identidade mais básica e elementar, a biológica. O politicamente correto passou a dominar o debate público para expulsar a racionalidade e substituí-la pela manipulação, pela repetição de clichês e pelas palavras de ordem. A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu. E, com esses métodos, essa ideologia sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou. Sou prova viva disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus. Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida. A ONU pode ajudar a derrotar o ambiente materialista e ideológico que compromete alguns princípios básicos da dignidade humana. Essa organização foi criada para promover a paz entre nações soberanas e o progresso social com liberdade, conforme o preâmbulo de sua Carta. Nas questões do clima, da democracia, dos direitos humanos, da igualdade de direitos e deveres entre homens e

mulheres, e em tantas outras, tudo o que precisamos é isto: contemplar a verdade, seguindo João 8,32: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".(BOLSONARO, 2019).

Fica mais uma vez evidente, pela repetição no discurso, a descrição e criação de um cenário de devastação e enfraquecimento da Nação. Em muitas ocasiões, Bolsonaro não se utiliza do termo "comunismo" para descrever e representar o cenário de caos, mas utiliza outras palavras, que pelo contexto dos enunciados, estão interligados. Fala em socialismo e, principalmente em "ideologia". Para completar, após atribuir a culpa a esse conjunto de elementos por invadir "nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família" (BOLSONARO, 2019), Bolsonaro reforça a convicção de que ele é o "salvador da Pátria" ao lembrar o episódio da facada e de insinuar que seria um "milagre" estar vivo.⁸

Até o momento, foram descritos e interpretados os enunciados a que se propôs a pesquisa. A partir de agora, nesta etapa final, os elementos serão sistematizados a partir das formações discursivas e ideológicas identificadas pela pesquisa.

7. Conclusão: no labirinto do ódio não há vez para a alteridade

As relações entre identidade e diferença são sobre hierarquias, disputas e sobre os movimentos de inclusão, exclusão, normatização, classificação e definição de fronteiras. Ainda que seja comum procurar linhas divisórias que determinem o campo do 'nós' e do 'eles', como aponta a literatura das identidades sociais e culturais da segunda metade do século XX e início do XXI, há uma diferença fundamental entre se distanciar do outro e, por outro lado, defini-lo como inimigo e, por isso, alguém que precisa ser eliminado.

Se socialmente as ações excludentes já são problemáticas no sentido de que, além de hierarquia e relações de poder, implicam uma série de consequências e restrições aos indivíduos, a definição do outro como inimigo chega ao inaceitável, uma vez que tal discurso mobiliza um grupo em prol da eliminação de uma ideia ou de um grupo que é adepto àquela ideia. A noção de inimigo não só é antidemocrática como é um princípio de guerra e é um elemento fundamental da Doutrina da Segurança Nacional e de outras formas de governo autoritário, como o fascismo, por exemplo.

O modo como Jair Bolsonaro se refere ao outro é sempre como um inimigo, ou melhor, o inimigo interno da Nação. Essa característica do inimigo, pode ser observada não apenas quando faz menções diretas aos que deveriam ser adversários políticos, como Dilma Rousseff, Luiz Inácio Lula da Silva ou Maria do Rosário, entre outros. O elemento do inimigo interno perpassa e dialoga com todas as demais formações discursivas. É ancorado na ideia de inimigo interno que descreve um cenário de caos, crise econômica, degradação

⁸ Embora devamos ser rigorosos aqui com a utilização de conceitos históricos, não custa lembrar da importância que o culto ao líder possui na estruturação do fascismo clássico.

moral e corrupção generalizada. A ideia de inimigo também está atrelada à noção de que a Nação precisa ser salva. Se ela precisa ser salva, automaticamente há alguém a ameaçando, tentando destruí-la, e esse alguém só pode ser, por natureza, um inimigo. É o que pode ser compreendido quando Bolsonaro fala, por exemplo, que o país esteve “muito próximo do socialismo” e que essa condição – socialismo– colocou o país em uma situação de “corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições”.

Ainda, a Doutrina da Segurança Nacional só tem razão de existir porque há um inimigo interno para combater e ele é o comunismo (VALDÉS, 1980). No caso brasileiro, em específico, vale ressaltar que a definição de comunista ou de subversivo era ampla, justamente porque poderia, dessa forma, abranger diversos grupos e entidades, desde membros do Partido Comunista Brasileiro até movimentos da juventude cristã.

Ainda, a noção de inimigo está intrinsecamente relacionada com a noção da formação identitária do militar. Woodward (2014) diz que está se produzindo identidade a partir do momento em que se estabelece um sistema categórico em que é possível separar qual é o “nosso” lugar e qual é o “deles”. Neste processo de determinar a diferença, cria-se um campo de autorreferenciação, ou seja, de atribuição de características, valores, entre outras categorias, que vão trabalhar em prol desse afastamento dos grupos. Quando a pesquisa antropológica de Castro (1990) aponta que os militares se veem como um grupo distinto do mundo civil e que o “espírito militar” representa a forma correta de viver, é a engrenagem dessa produção identitária que está em funcionamento. Os cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras que participaram do estudo demonstram que, ao ingressarem no corpo do Exército, aprenderam que existe uma diferenciação entre o mundo militar e o dos “paisanos” – forma pejorativa de se referir aos civis. Mais do que isso, existe um conjunto de valores e respeito às hierarquias que é ensinado como um atributo moral e idôneo que os distingue dos “civis”.

A comparação “aqui dentro” em contraposição ao “lá fora”, feita pelos militares (CASTRO, 1990), também vem permeada de um entendimento essencialista da identidade, em especial aquele relacionado ao nacionalismo. Assim, a identidade coletiva, para além de suas produções e disputas, vem carregada de noções de tempo ligadas à ideia da continuidade e da manutenção das tradições. Dentro dessa lógica opera a ideia do ser militar, não como uma profissão, mas como uma identidade ou modo de ser, cujo principal atributo é a defesa permanente da Nação, esteja ela sob ataque real ou meramente discursivo. Essa compreensão das identidades dialoga ainda com o culto a heróis e mitos nacionais.

Explicita-se, desta forma, os elementos formativos do discurso bolsonarista, calcado sobre uma estrutura de pensamento onde o inimigo é elemento imprescindível para sua existência. Dentro desta estrutura, não há lugar a ser ocupado pela alteridade. Em constante embate com a democracia, a falácia da nação ameaçada anda perigosamente próxima do culto ao líder,

PALUDO, L. J.; FRAGA, G. W. *A produção do inimigo ou destruição da alteridade: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro*.

Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

evocando o discurso de ódio por parte de seus apoiadores mais ferrenhos, mesmo que o líder venha a se encontrar perdido em seu próprio labirinto.

Referências

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1984.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. Presidente (2019-2023: Jair Messias Bolsonaro) **Discurso na abertura da 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas**. Nova York, 24 set. 2019. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/20890-discurso-do-presidente-jair-bolsonaro-na-abertura-da-74-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-york-24-de-setembro-de-2019>>. Acesso em: 29 mai. 2020.

CALVEIRO, Pilar. **Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina**. São Paulo: Boitempo, 2013.

CASTRO, Celso. **O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1990.

CHIRIO, Maud. **A política nos quartéis: revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019. 12ª edição. 2ª reimpressão.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC RIO: Apicuri, 2016, 260 p.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VALDÉS, Jorge A. Tapia. **El terrorismo de estado: la doutrina de Seguridad Nacional en el cono sul**. México: Editorial Nueva Imagem, 1980.

PALUDO, L. J.; FRAGA, G. W. *A produção do inimigo ou destruição da alteridade: uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro*.

Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

WOODWART, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15^a ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Contribuição dos autores

Autor 1: participação ativa na elaboração do artigo

Autor 2: contribuições ativas, orientação da pesquisa e revisão

Enviado em: 13/julho/2020 | Aprovado em: 18/agosto/2020